

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE

Especialização em Teoria Psicanalítica

Layane Gomes Marreiros dos Santos

**O lugar do desejo na virtualidade e a sedutora ideia de viver sem
falta**

São Paulo

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE

Especialização em Teoria Psicanalítica

Layane Gomes Marreiros dos Santos

**O lugar do desejo na virtualidade e a sedutora ideia de viver sem
falta**

Trabalho de Monografia apresentado como requisito para conclusão do curso de Especialização em Teoria Psicanalítica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: **Julieta Jerusalinsky**

São Paulo

2022

RESUMO

A virtualidade inaugura um novo lugar para o desejo, ancorado na procura de satisfação infundável, a um *click* de distância, ou melhor, sem distância, sem ser barrado, sem haver (ou se reaver) com a falta. Propõe-se a articular, pela interface relacional psiquê e sociedade, essa tentativa de esquivar-se do desamparo a partir do uso de dispositivos eletrônicos, com a conflitiva edípica e a recusa a interdição psíquica do desejo, no movimento das massas. Considerando que a saída do complexo de Édipo lança a criança nos contornos das regras e da cultura, de que seu primeiro objeto de amor não pode ser recuperado plenamente e será preciso então deslocar a um objeto substitutivo seus investimentos amorosos, aqui estará a busca que o movimentará, pelo que lhe falta, pelo prazer que esta por vir. Mas como fica essa espera e busca, em momentos de hipervalorização dos *smart* eletrônicos, os então dispositivos inteligentes, salvaguardando-os da custosa tarefa que é lidar com a ausência do objeto de amor, em medida que ofertam milhares de janelas prazerosas em modo *fast*?

Palavras-chave: Desejo, castração, virtualidade, cultura, perversão.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de dispor alguns agradecimentos, ao corpo docente do curso de Teoria Psicanalítica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) por nos conduzir, durante dois anos, nesse mergulho na obra freudiana com elevada qualidade.

Deixo um agradecimento à Julieta Jerusalinsky pela orientação, pelo precioso tempo e contribuições dadas durante a realização deste projeto.

E por fim, as colegas do grupo de orientação, que, diante dos desafios que a escrita por vezes impõe, tornaram o caminho possível com o apoio e as trocas!

*“O escritor se apenas é
O nervo de um grande povo
Não pode ser indiferente
Quando a liberdade é derrotada”*

- Marina Tsvetáeva em O Poeta e o Tempo (2018/2022, p. 78)

SUMÁRIO

1. Introdução.....	p. 06
2. Freud O Movimento Das Massas E A Cultura.....	p. 09
3. As Massas Na Virtualidade.....	p. 14
4. Perversão No Laço Social E Na Rede Virtual.....	p. 17
5. Conclusão.....	p. 22
6. Referências.....	p. 24

1. INTRODUÇÃO

A ascensão dos veículos digitais de comunicação intensificam o sentimento de mudança na pós-modernidade no furor de rápidas trocas e contatos que antes distantes; se aproximam, contudo, oferece também recursos para viver-se outra vida, diferente daquela apresentada na concretude, mas uma vida virtual, e repleta de objetos onde supõe-se garantidores de satisfação integral. À medida que se vê a escalabilidade dos dispositivos eletrônicos, em seus quase 424 milhões de aparelhos ativos (FGV, 2020), são convocadas elaborações acerca do modo com o qual esses objetos ganham centralidade na vida cotidiana, desde facilitar o acesso a conteúdo diversos, conectar pessoas, viabilizar um livre transitar de informações.

Um mundo na palma das mãos, e digo um mundo, tomando ponto do desimpedimento com que se pode criar e deletar ‘mundos’ inteiros virtualmente, só mais um entre vários, dominando as experiências no ciberespaço, os metaversos a exemplo, é possível moldar a realidade tal qual sua imagem e semelhança - Como o deus com sua própria criação? Bom... algumas aproximações são possíveis -. Realçando a sensação de onisciência, onipresença e onipotência, num espaço onde tudo é possível e permitido. Para além dos limites de tempo e espaço. A ideia de tornar-se onipresente, corrobora com a provocação de Freud (1930) de que a ciência poderia ser uma via de aproximação de um ideal que era endereçado a figuras divinas, pelo homem.

“A palavra ‘digital’ aponta para o dedo (*digitus*)” (BYUNG, 2018, p. 22), a virtualidade se apossou do que torna os homens únicos, a marca de sua digital, a singularidade que parte da ponta dos dedos, estende-se aos limites do corpo, e se estrutura psiquicamente, teve seu valor transformado em números, convertidos na linguagem do desempenho, capturando o mundo com cada clicar, num fenômeno de superfície.

Hall (2006) aponta, em uma leitura sociológica, que as fronteiras espaço-tempo integram novas combinações moldáveis, a partir da globalização, chegando-se ao descentramento do sujeito. A cultura vai produzindo a partir disto, efeitos no aparelho psíquico e constituição do sujeito, que não é alheio às influências da política, da ciência, do próprio corpo e da palavra, sendo conduzido a novas maneiras de se posicionar e relacionar no mundo, por vezes quase como um expectador ubíquo, onde dorme-se, acorda-se e respira-se em sucessivas teias de conexões, sobretudo, digitais. Moldando como este, a partir do discurso predominante na cultura que não é cristalizada, mas sempre mutável, se posicionará diante da castração, da lei, das angústias e desejos.

Os efeitos produzidos pela cultura na pós-modernidade tem implicações nas vísceras da constituição psíquica dos sujeitos, que passa pela conflitiva edípica, a ruptura desse pacto pela destituição da função paterna, que implica a internalização da lei, inserção na cultura, e a recusa a interdição psíquica do desejo. O consumo passa então a desempenhar função de produção de significados, facilitado pelos instrumentos eletrônicos.

“Uma vez alienado, o sujeito aceita os ditames da cultura capitalista, acredita no poder de complementação dos objetos e entra no circuito do consumo excessivo, que torna a extração de gozo uma prorrogação incessante, indo e voltando em torno de um gozo perdido e ofertado como possível.” (COUTO e TEIXEIRA, 2010, p. 587)

Articular o gozo perdido, com a ilusão de complemento que o indivíduo busca intermediado pelo ditame mercadológico, nos implica dar um passo atrás e sobrepor nossas atenções aos processos que se articulam e culminam no objeto de prazer que perdeu-se.

Em *O Eu e o Id* (1923) Freud apresenta os modos como a trama edípica acontecem na criança, momento em que há escolha objetal, que a exemplo do menino, a escolha recairá sobre a mãe, endereçando-a investimentos libidinais, e se identificará com o pai; no entanto haverá presença de sentimentos ambivalentes com este que ocupa lugar de pai, pois ele representa ainda um obstáculo para o menino que imaginariamente vive com a mãe uma completude. Diante desta cena, o pai como um terceiro, desempenha função de interdição do incesto, o menino deverá desfazer-se deste investimento amoroso primeiro, e dirigir-se a investimentos substitutivos que corroboram com a cultura. Entra em cena a castração produzida pela função paterna, inserindo a criança nos pareceres culturais e da apreensão das regras e leis, implicando assim, a perda e separação do objeto amado, há assim a passagem pelo Édipo.

Inicia-se um movimento desejante, por recuperar aquilo que foi perdido e lhe proporcionava imenso prazer. Contudo, o ser humano sendo um ser pulsional, tem como resultado nunca saciar totalmente seus desejos. Dada a inserção na cultura, somos convocados a pensar não obstante, nos modos como os laços sociais estão sendo estabelecidos, indo em direção a formas performáticas e competitivas, evidenciadas pelo discurso capitalista, que ostenta promessas de satisfação dos desejos por meio de bens de consumo (JERUSALINSKY, 2018)

Maria Rita Kehl (2008) concebe como os objetos de consumo têm ficado entre as relações humanas, se fazendo presente a partir do que a o capital julga adequado, e em dada medida, tais bens ocupam os lugares dos sujeitos com seus parceiros no encontro com o outro, como se encarnasse o próprio objeto do desejo. Recortam o lugar da falta por onde circula o desejo, se exibem como objeto irrecusável do desejo (KEHL, 2008). Estimulando a relação com coisas, e não pessoas, dispensando a alteridade e apelando para o gozo sem limites.

Em presença dessa angústia a realidade digital torna-se sedutora fonte de satisfação infundável, com possibilidades inacabáveis, o sujeito fecha então a saída para a alteridade pela socialização, voltando-se para si mesmo. “A sociedade atual não é uma sociedade do “amor ao próximo”, na qual nos realizaríamos reciprocamente. Ela é, muito antes, uma sociedade do desempenho, que nos individualiza.” (BYUNG-CHUL HAN, 2018, p. 27). Nos faz perguntarmo-nos, para onde caminha a vida coletiva, diante do comparecimento de uma virtualidade potente.

Jerusalinsky (2022) comenta sobre como através da internet e aparatos tecnológicos, houve transposição da psicopatologia da vida cotidiana para a psicopatologia da vida virtual cotidiana, em que cada um torna-se explorador de si mesmo sob o imperativo ‘trabalhe enquanto eles dormem’, em que a responsabilidade dos ideias de sucesso e fracasso recaem sobre o indivíduo, conduzido para a ilusão de que a hiperprodução significaria vivacidade, contudo o excesso é mortificante, acavando à vida ritmos de produção não humanos.

A sobredeterminação algorítmica se relaciona a como os meios digitais sobrepõe um suposto saber querer ou dizer do sujeito, barrando a circulação discursiva, empurrando mais do mesmo em sucessivas repetições, propagandas artificiais e anônimas dos mesmo produtos, pontos de vista idênticos sobre as problemáticas, a mesma resolução unívoca (JERUSALINSKY, 2022).

O *sujeito wireless* ainda segundo a autora, perdeu o fio condutor que o enlaça em sua condição desejante, no discurso social, nas experiências daqueles com os quais se convive presentemente, visto a preciosidade do tempo compartilhado com o outro, lhe endereçando narrativas naquele momento. O encontro com o outro, faz o discurso se mover, a partir de diferentes construções dialógicas, abrindo sentido e elaboração.

2. FREUD O MOVIMENTO DAS MASSAS E A CULTURA

Freud em 1921 escreveu o texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* em um contexto entre final da Primeira Guerra Mundial e os eventos que culminaram posteriormente na Segunda Guerra Mundial, naquele momento de fascismo, de modo que os olhares passaram a voltar-se para investigação do movimento de formação das massas, e a particular relação que seus indivíduos exercem, produzindo alterações em seu comportamento em função do agrupamento. Compostas por seres individuais, que se unem, os integrantes da massa possuidores de elo que os unifica, perdem suas particularidades, em contrapartida experienciam a ilusão de um sentimento de poder invencível, a onipotência, estando sujeito a condições que o possibilita se livrar de suas repressões enquanto sujeito único individual.

Refere autores comentadores de grupos, como Le Bon, e segue conjuntamente com suas proposições, do que estaria ao alcance da psicanálise, neste campo. Le Bon afirma a presença de elementos como o contágio e a facilidade de sugestionabilidade, permeando essas formações, Freud complementa resgatando a ideia da hipnose, proveniente dos primórdios da psicanálise, contudo este último tratar-se-ia da relação entre duas pessoas, do submetimento de um com o outro. Menciona “*E por fim: as massas nunca tiveram a sede da verdade. Requerem a ilusões, as quais não podem renunciar.*” (FREUD, p. 20, 1921), apresentando a predominância da fantasia de onipotência, ilusão custosa de se abandonar, e sustentada pelo desejo não realizado. A era digital permite que a sensação de poder se torne concreta pelo simples toque de uma tela.

Elucubra ainda acerca de como a “massa anônima” facilita a perda da sensação de responsabilidade que incidiria caso os elementos da massa se apresentassem individualmente, livrando-se das repressões de seus impulsos instintuais, sobretudo de maneira imediatista. E quando a tempo muito imerso na massa, aproxima-se no estado de fascínio (FREUD, 1921). Sujeitos passam de sua singularidade desejante para tornarem-se um amontoado autômato encoberto pela massa, marcada pela impulsividade.

“A massa é um rebanho dócil, que não pode jamais viver sem um senhor. Ela tem tamanha sede de obediência, que instintivamente se submete a qualquer um que se apresente como seu senhor.” (FREUD, 1921, p. 21)

O senhor, orientador da massa, para que a una, precisa não obstante que ela acredite em suas crenças, mas ele próprio estar fascinado com suas ideias, impelindo caráter irresistível,

paralisando a capacidade crítica de outrem, que passa a respeitá-lo. A massa atribuirá ao líder bem como às suas ideias, um poder misterioso, a qual Le Bon nomeará como prestígio. (FREUD, 1921).

Freud vai se utilizando ainda de outro comentador, como McDougall, ao considerar como a orientação afetiva semelhante pode criar condições para essa unificação, com interesse partilhado em relação a um mesmo objeto, gerindo uma elevação de seus afetos, torna-se extremamente prazeroso “entregar-se tão abertamente as suas paixões e fundir-se na massa” (FREUD, 1921, p. 35). Não há separação entre o eu e o outro, mesclado ao grupo, uma só entidade existe, corroborando com objetivos e ligando-se a objetos comuns, pode-se ainda supor, uma aproximação com o bebê que antes do reconhecimento de si em diferença ao mundo externo, num estágio primário do desenvolvimento, tudo é ele próprio, em sua completa onipotência, de tudo ser, para ainda poder usufruir dos sabores prazerosos eximindo-se de tensões, que irão emergir apenas futuramente, em seu desenvolvimento.

Essas monções afetivas intensificam-se à medida que o grupo é possuidor de quantidades maiores de pessoas, e inversamente proporcional, há um silenciamento da crítica individual. Também, presentifica um outro fator citado por McDougall e explicitado por Freud, a coerção, diante desta massificação, tão forte, com um líder fascinado por suas crenças, com os afetos em evidência, suprimindo as inibições, alguns indivíduos podem se perceber obrigados a permanecer em acordo com a massa. Visto a ilusão de poder ilimitado que a exacerbação dos afetos gera nos indivíduos, sem sustentar as diferenças, ela mesma portadora da autoridade vivencia a impressão de poder castigar aquele a qual não caminhou nos trilhos já designados, um perigo é anunciado àquele que se opõe à massa, é necessário por vezes, autopreservar-se (FREUD, 1921).

Ainda orientado pelas considerações de McDougall nos apresentado por Freud (1921), os grupos reconhecidos como organizados, demandando continuidade, hábitos e costumes, assim como interação com outros grupos seja por cooperação ou por rivalidade e divisões hierarquizadas. Esta massa organizada pode dirigir-se a um determinado objeto, como se pudesse ser sugestionável tal qual um indivíduo isolado.

Nos é lançado pelo autor, o alcance da afetividade sobre os componentes da massa, de tal modo a se fortalecer ao passo da supressão das inibições instintivas de cada um deles, em um nivelamento entre os indivíduos. O campo racional -compreensão de que opor-se a massa há periculosidade-, é insuficiente para esclarecer outras questões levantadas por Freud, que traz

para jogo a libido que provém da teoria da afetividade, a partir dos investimentos pulsionais, que ligarão os sujeitos as suas escolhas objetais.

A libido está no campo de Eros, no amor, seja erotizado fazendo ligação com o outro, seja o amor cuja finalidade erótica sofreu desvios no objetivo e ligou-se a relações sem caráter sensual (FREUD, 1921). Esse enlace libidinal mantém o grupo unido, favorecendo a sugestibilidade, a medida em que os indivíduos presentes estão em congruência dentro dela própria orientada pelas relações amorosas. A perda dos laços libidinais favorecem a tendência do grupo em desfazer-se, como a perda do líder, por exemplo, que representa um elemento de enlace no grupo.

Discorrendo ainda acerca dos líderes, os integrantes da massa ligados afetivamente a este, creem serem amados igualmente pelo seu senhor, que ocupa lugar de substituição da figura paterna, como sendo aquele que rege, orienta, protege e ama os que estão sob seu comando (FREUD, 1921). A liderança faz com que o grupo permaneça coeso, quando uma ideia abstrata pode ser encarnada por alguém, este é elevado a posição de líder.

A participação nos grupos, faz com que os seus integrantes percebam com menor evidência as diferenças entre si, a massa conduz a um apagamento das particularidades, renunciando ainda satisfações individuais em função do agrupamento. Mas de que é feita a ligação no interior da massa?

Freud chega então ao conceito de identificação, reconhecido como “A mais antiga manifestação de uma ligação afetiva com outra pessoa” (FREUD, 1921, p. 60), relaciona-se ao primeiro laço emocional do sujeito com sua escolha objetal, esforçando-se para modificar o Eu à semelhança daquele tomado por identificação. O sujeito, na saída do complexo de Édipo, irá se identificar com o objeto até então rivalizado, poderá identificar-se com aspectos do objeto de desejo introjetando o objeto no Eu, e por fim, a identificação pelo sintoma, no encontro de um ponto de convergência, ainda reprimido, entre dois egos, ou seja, algo afetivo importante em comum.

Ao relacionar identificação e agrupamentos de massa, Freud nos apresenta que esta ligação afetiva em comum, pode ser a figura do líder. Torna a falar sobre o que seria ‘amar’, em que originalmente o investimento libidinal em um objeto orientado pelas pulsões sexuais, ligada a satisfações corporais, no entanto, ao passo que o sujeito adentra na cultura, sofrerá interdições indispensáveis a esses desejos, dirigindo-se para outros objetos e formas de

satisfação para além da satisfação erotizada, condizentes com o pacto civilizatório, alterando assim sua meta sexual infantil. Chega-se então ao sentimento afetivo, o amor, ou enamoramento, desviado de seu objetivo original, como relações fraternais e de amizade, e pode, contudo, manter a mesma intensidade.

A intensidade endereçada no enamoramento corresponde ao que o autor nomeou como idealização, sendo o objeto de amor tratado como o próprio Eu, em que uma quantidade maior de libido narcísica é conferida ao objeto. Este objeto hiper investido servirá para substituir um ideal não alcançado pelo próprio Eu, sendo então amado pelos traços que o indivíduo ambicionou para si mesmo, a pessoa idealizada é dotada de aspectos que o Eu gostaria de ser, procurando obtê-lo então para sua satisfação narcísica (FREUD, 1921). O ama, por ter aquilo que falta ao Eu do sujeito.

As reivindicações sexuais originais podem ser redirecionadas ficando em segundo plano, e a satisfação está em elevar o objeto à posição de ideal do Eu, em casos de enamoramento, o Eu baixa suas exigências e o objeto se torna cada vez mais sublime, se diz que *‘o objeto consumiu o Eu’* (FREUD, 1921, p. 72).

“Simultaneamente a essa ‘entrega’ do Eu ao objeto, que já não diferencia da entrega sublimada a uma ideia abstrata, deixam de operar completamente as funções conferidas ao ideal do Eu. Cala a crítica exercida por essa instância; tudo o que o objeto faz e pede é justo e irrepreensível. A consciência não se aplica a nada que acontece a favor do objeto; na cegueira do amor, o indivíduo pode se tornar, sem remorsos, um criminoso.” (FREUD, 1921, p. 72)

Sendo assim, o sujeito perde sua criticidade ao engrandecer o objeto em idealizações, submetendo-se a tudo fazer por este. Nas massas a movimentação que ocorre é que grandes quantidades de indivíduos elegeram um mesmo e único objeto no lugar de seu próprio ideal de Eu, e entre si, identificaram-se por compartilhar o mesmo ideal. Um mesmo líder.

O sentimento social, de convivência, entre os membros, repousa em tentar escapar do desamparo e obter sensação de ser amado, mas remete originalmente ao sentimento de inveja. A criança busca exclusividade no amor dos pais, mas se vê confrontada com a necessidade de compartilhar esse amor com um irmão por exemplo, ao notar a impossibilidade de manter uma atitude hostil para com esta, é obrigada a identificar-se com as outras crianças, compreendendo então o instinto gregário (FREUD, 1921)

Reivindicam, nessa formação reativa, a justiça social, ou seja, o tratamento igual para todos. Desse modo, o que o indivíduo renúncia, deve igualmente ser renunciado por outros que ali convivem. Para que o amor deste que está fora da massa, possa permanecer no horizonte de objetivo, transformando a rivalidade em laço social.

O autor avança ainda dizendo que a massa remonta a horda primeva, em que os indivíduos eram ligados a figura paterna, sendo assim, o líder da massa é substituto do pai primevo que possui uma paixão pela autoridade e em sua posição narcisista não precisa amar ninguém, sendo também, um pai primordial temido (FREUD, 1921).

Freud destaca que indivíduos em que não há clara separação entre o Eu e o Ideal do Eu, ou seja, entre o sujeito e o que ele próprio gostaria de ser, o Eu preserva sua autocomplacência narcísica, favorecendo a então seleção de um líder, tendo este líder qualidades mais acentuadas e ofertando impressão de maior liberdade libidinal. Estes indivíduos identificam-se mais facilmente aos líderes, engrandecendo-os a posição de objeto no lugar de seu ideal de Eu, exigindo ainda força de seu líder, praticam ainda a sugestão para que os demais sigam deste modo (FREUD, 1921).

Participar de grupos, pode servir como via para obtenção de respostas para o sofrimento neurótico, o que o indivíduo sozinho produziria como sintoma, quando em grupo, encontraria resposta, sejam grupos políticos ou religiosos. Como menciona Freud, em O Futuro de Uma Ilusão de 1927, explora a ideia de cultura e civilização abarcando dois aspectos, o da produção e regulação, pela abrangência dos conhecimentos adquiridos pelo homem para extrair bens direcionados a suas necessidade humanas, e pelas instituições que demandam interdições necessárias à sobrevivência a vida em comum.

Freud (1927) aponta que toda cultura se baseia na coação ao trabalho e renúncias instintuais, e o fortalecimento do Super-eu se torna grande patrimônio cultural psicológico, desde a qual a internalização das normas para o convívio social são estabelecidas. O patrimônio cultural avança também em sentido da possibilidade de criações artísticas e intelectuais, formas sublimatórias de satisfação, adentrando nos ideais da cultura.

A civilização assume importante papel ante as forças da natureza, ao que se reconhece como elementos naturais e doenças, o destino expresso no mistério da morte e relações espontâneas ligadas ao desamparo infantil. O homem anseia então por proteção e consolo, desde aqui a civilização assume, fazendo emergir elementos que figuram a função paterna de

proteção, com o advento de religiões e outros grupos tomados por um líder, que possuirão características de temor e admiração.

3. AS MASSAS NA VIRTUALIDADE

Passemos a pensar acerca da movimentação das massas nos meios virtuais, a partir das tecnologias de comunicação. A larga difusão de mídias para comunicação nas massas, se deram a partir do século XX, com cinema e rádio, avançando em fenômenos sociais da industrialização no século XIX e primeira metade do século XX são épocas das massas e revoluções. Ascenderam o capitalismo burguês e regimes liberais, orientados principalmente pela livre circulação do mercado e a defesa de interesses individuais, cada um pensa em si, nos seus e depois nos outros, sobretudo após o advento de meios de comunicação eletrônicos, a atenção se voltou para a vida privada (FIDALGO, 2015).

As massas são caracterizadas pela proximidade de seus membros, num sentimento quase fraterno, ansiando crescer. As redes social assemelham-se a esta tendência de crescimento, quanto mais amigos virtuais, quanto maior o número de seguidores e curtidas nos conteúdos, maior a sensação de imponência ante os demais, e maior o desejo de crescer ilimitadamente, para reafirmar sua existência neste campo. Fidalgo (2015) comenta que o aumento das massas permite confrontar o risco do desaparecimento, o autor ainda relaciona a rede virtual às religiões, que visam a domesticação e controle das massas, determinando o alcance das ações espontâneas dos indivíduos.

Comunidades virtuais lançam os indivíduos a posições massificadas, num aglomerado de perfis, ícones, identificados por caracteres, com fins de unificar-se pelo distanciamento, havendo o afastamento das trocas presentificadas reais, e vangloriando vinculações estéreis digitais, que são sobretudo estimuladas, a dizer de outro modo, relacionar-se é oportuno apenas a partir das determinações algorítmicas, o que está a margem, tem menos valia, passível inclusive de rivalidade, vide os inúmeros ‘cancelamentos’ acontecendo internet a fora, contudo esta discussão fica para um outro momento.

Enquanto a nominalidade confere um sentimento de responsabilidade, quando apresentados isoladamente, os indivíduos podem respeitar a distância entre esfera pública e privada. O olhar para a vida privada é tomado de assalto, ante a multidão digital, desconstruindo esta distância a partir de olhares curiosos, sedentos pela exposição da intimidade. Quem está

sedento? Não se sabe! Anônimos. Sem nome a desinibição aflora exigente, rebaixam-se as repressões, tendo sua identidade dissolvida na massa (BYUNG-CHUL HAN, 2018). A aparente sensação de pertença, protegida pela anonimidade, cultiva variantes comportamentais contrárias àquelas demandas pelo convívio civilizatório no espaço social.

O termo pontuado por Byung-Chul Han (2018) como *'exame digital'* referencia nova modalidade de massa, diferenciada, no entanto, por não haver elementos unificantes, revelando indivíduos singularizados. Dada a fluidez com que agrupamentos se formam se desfazem, sendo voláteis, inviabilizam a estruturação de um discurso de zelo e cuidado com o outro, não se formam um 'nós', há apenas cuidado autodirigido competindo por atenção, em exclusão da alteridade. Achatando a cultura, o homem digital não é adepto a espacialidade, a medida em que transgrede a distância da vida privada digitalmente, evita o encontro corpóreo real.

Se não há convívio, é possível haver corpo social? Há apenas copresença física, ao estar lado a lado com outro corpo, mas não frente a um rosto nominado. Grandes comunidades, são em fato, fragmentos de 'tribos', que esporadicamente se materializam, as quais os usuários pertencem, ancorados por processos identificatórios, mas que podem ser resumidos a modelos de negócio, onde se vende e se compra em troca de imagens e benefícios (JUNIOR, 2015). Ao dispensar normas do pacto civilizatório, já que evita-se o confronto corpóreo, o outro é reduzido a uma imagem, a um estranho, contaminando o exercício da alteridade em frequentes erupções do recolhimento individual, criando ilusão de presença, contudo, sem olhar.

Desaparece, pela exposição, a reserva que constitui o olhar, que afeta e inclusive, incomoda. A ótica da câmera cruza abruptamente o encontro, marcado por um olhar faltante, para um outro ausente, em uma narcisificação da percepção (BYUNG-CHUL HAN, 2018). Sendo o desejo, um desejo pelo outro, o atravessamento da tela digital não permite desejo, é preciso que haja o contraste das relações que irrompem no espaço tridimensional.

“Sombra e brilho habitam o mesmo espaço. Eles são lugares do desejo. O brilho surge lá, onde a luz se rompe. Onde não há rompimento, [onde não há] quebração, nenhum Eros, nenhum desejo tem lugar. A luz homogênea, plana e transparente não é o meio do desejo. A transparência significa o fim do desejo.” (BYUNG-CHUL HAN, 2018, p. 18)

As massas, a partir das proposições freudianas, são organizações que com corpos, ocupam e reivindicam espaços, capazes de agir, permitindo que algo novo aconteça, foram

agentes de transformações, protestos, rebeliões e grandes movimentações políticas, desde a revolução industrial. Disforme são os novos exames digitais, efemeramente se desfazem nas redes, transferindo para as imagens sua força, aniquilando ações que dão tempo.

No amago da ação e do agir, encontra-se o pensamento reflexivo, a hesitação, que vão prejudicar a ideia de eficiência simétrica e calculável, assim a ação geradora de dúvidas e por si o conhecimento, da lugar à verdade anacrônica supostamente garantida pela tecnologia da comunicação, que a livrará de surpresas e rupturas, conforme apontado por Byung-Chul Han (2018). Não há espaço para decisões existenciais, ativas na *polis*, mas a partir do lugar confortável das certezas previsíveis, os participantes do exame se tornam passivos.

Como nos apresenta Junior (2015), a orientação lógica é da imagética previsível e obediente, registros em imagens superficiais, desembocando no esvaziamento do corpo, os aparatos tecnológicos a transformam numa massa amorfa e repetidora, de corpos-imagem. As fotos devem ser mais reais que a realidade. Para além do compartilhamento de imagens, existe ainda o substrato do desempenho, é necessário registrar tudo o que se faz, as redes digitais se alimentam da espetacularidade da vida, que precisa ser escalável, sem passar pela estranheza do corpo.

Redes virtuais, sem dúvida tem a espontaneidade e a possibilidade de dar voz, àqueles que não tem voz em mídias tradicionais de comunicação restrita a grupos específicos, assim, oferecem chance de manifestações pelo direito ao uso da palavra, em que cada um sente-se livre para criar. Contudo, repetições ecoicas conduzem a um esgotamento da própria mensagem, as abstrações que afastam a construção de um corpo, embota a percepção, que seguirá repetindo ecos para preencher as ausências (JUNIOR, 2015). A comunicação não se torna mais via para obtenção de informações essenciais e trocas, mas sim cumulativa, ligada a indústria de valor, quanto mais informações são comunicadas, independentemente do teor, mais capital é circulado.

As redes são passatempos, que se articulam em mercadoria, com a estética dos conteúdos e a popularidade social. Na mescla de ‘voyeurismo’, que consiste em posicionar-se como expectador, e ‘exibicionismo’ no prazer pela própria exposição, os usuários se deleitam ao saber de tudo sobre todos e de revelarem-se a eles, como produtos, como objetos de consumo. Em lugar de colocar as redes a serviço de práticas transformadoras, pela viabilização da circulação da palavra, as massas foram na verdade capturadas pelas redes (RÜDIGER, 2015).

A mídia digital se assemelha a um mar, que não possui contornos delimitados, a temporalidade sucumbe a um espiral de reminiscências, o passado presentificado nos registros virtuais são impossíveis de serem revividos, reiterando então a angústia. O refúgio está no futuro, na sobressalência de bens consumíveis, no acúmulo de versões novas dos mesmo objetos, na internet das coisas repetidas vezes.

Rüdiger (2015) coloca que a virtualidade abre porta para multidões saírem da obscuridade enaltecendo sua expressividade, contudo cada vez mais rapidamente com carroceis de sons, imagens e palavras, reduzem a sensação de isolamento, em termos artificiais, já que não há presença física e o vazio experimentado é massacrado pela ilusão de que tudo está ao alcance das mãos, ou melhor, dos dedos. As pessoas se vangloriam do fato de estarem conectados o tempo todo, a medida em que vão se extraindo o corpo do contato com a experiência vivida, e esta gradualmente vai se manifestando em abstrato.

“Os aparatos viraram motivo de obsessão, e dela não falta quem se orgulhe. As redes sociais que lhes justificam o uso são o engodo folclórico que nutre nosso romance com as máquinas, podem ser questionadas como mais uma via de nosso crescente e, em parte, silencioso aprisionamento na armação.” (RÜDIGER, 2015, p. 53)

Assim, o autor expõe a elevação fetichista do uso de dispositivos eletrônicos.

4. PERVERSÃO NO LAÇO SOCIAL E NA REDE VIRTUAL

Freud durante seu percurso de exploração das diferentes constituições psíquicas, alocando a neurose, a psicose e a perversão. Este último, investigado no decorrer de sua obra e no texto “Fetichismo” (Freud, 1927), há aproximações conceituais acerca da formação fetichista, podendo ser identificada como uma constituição perversa, prevalecendo nesta teorização, a ideia de que o fetiche é um substituto para o falo da mulher. A origem remonta sua infância, emergindo como substituto para o que foi perdido neste momento e que detinha grande importância, normalmente o objeto infantil seria abandonado, mas no caso do fetiche, há o oposto, tem-se uma preservação em detrimento do abandono, não se deseja haver renúncia.

Colocado como um substituto para o falo da mulher/mãe, a partir de uma movimentação, em que o menino nota a ausência de pênis na mãe, mas há recusa dessa percepção, já que haveria de representar uma ameaça a seu próprio falo. Freud elucida que neste caso, não trata-se de

ações repressoras, mas do que nomeou como Verleugnung ou recusa, referindo-se ao destino da ideia, a percepção da falta de falo permanece ali, mas houve uma atividade para sustentar uma recusa. A percepção indesejada gera um peso, a medida em que se presentifica a força do desejo contrário, na realidade psíquica a mulher continua a ter um falo, mas não é mais o mesmo. O teor de investimento antes endereçado a ele, é redirecionado para um substituto e gera aversão ao genital feminino real. (FREUD, 1927)

Avançando sobre esta elaboração, há presença da recusa da ausência de algo que o menino tem, e rejeita que o outro também não o tenha, renega o que lhe é diferente. Freud elabora acerca da relação do encontro com a genitalidade, mas subjacente a isto, se tem uma recusa do encontro com a alteridade, o outro diferente de si é negado. A dimensão de uma interdição se manifesta, mas o perverso recusa esta percepção, driblando as evidências da castração, que implicaria adentrar na cultura, e conseqüente encontro com as peculiaridades de outrem.

O neurótico pressupõe então que exista um Outro não dividido, não atravessado por conflitos, submetendo-se a tudo dever para este, para fugir de sua incompletude autoriza um fazer o que quiser de seu corpo, pelo outro. O perverso ocupa este lugar de Outro, reduzindo o sujeito a objeto, a fim de seu gozo, produz-se um esgotamento da alteridade, recusando ainda sua condição própria de falta (MELLO, 2019).

Pode-se articular esse esvaziamento da alteridade, na relação com as redes sociais, que vai assumindo montagem perversa no laço social com exigências performáticas de sucesso a qualquer custo, mas isto custa ao corpo e ao psiquismo. O Outro é considerado um modelo, objeto e adversário, na vida psíquica individual, trabalhado pela identificação, para alcançá-lo. (FREUD, 1921).

As perversões ditam as condições do laço social à medida que o discurso do mercado, instrumentalizando o neurótico, assume lugar de Outro em posição de mestria, que vai oferecer objeto imperativo de satisfação, enunciando o que espera dos neuróticos.

“É óbvio que a relação que se estabelece é entre as pessoas e as coisas. Ou entre as próprias coisas, que se relacionam, se avaliam e se atribuem significações na medida em que as pessoas (reduzidas a consumidores) se perfilam diante de suas marcas.” (KEHL, 2008, p. 28)

Sua imagem indivisível ganha então capacidade de apagar as diferenças dos sujeitos, já que seria garantidor de um suposto objeto inquestionável, as fronteiras de tempo-espço estão remodeladas pelo capital, via contrária ao conflito e a divisão, e enaltecendo o imperativo do gozo e o assujeitamento dos neuróticos às exigências deste Outro.

Mergulhados na imensidão oceânica de vias para gozar com objetos de consumo, os neuróticos tomados pela onda digital, se veem diante desta sedutora ideia de completude, muito tentadora claro, endereçar a objetos cotidianos diversos, toda carga de investimento, na espera do vazio angustiante que lhes aperta o peito, diminuir, ou no tempo que está ocioso, e precisa urgentemente ser preenchido. Diante da rotina orientada quase que por um piloto automático, o tempo, vendido para o que se chama de trabalho, toma centralidade na vida cotidiana, não é necessário pensar, é preciso produzir, otimizar, quanto mais, melhor. De casa, ao transporte, do transporte atravessando um trânsito, do trânsito ao trabalho, a hora fica contada, do trabalho de volta ao trânsito e o retorno para casa, uma vida em conta-gotas. O espaço de contemplação desvanecido, ganha ares de angústia quando ‘sobra’ tempo, o neurótico, tão fiel ao compromisso de ideal de eu a ser alçado pela produtividade, é obrigado a encarar essa sala vazia, isto que lhe falta, e gera sofrimento.

O princípio da eficiência transforma tudo em moeda de valor no mercado, assim, a organização neoliberal extravia o tempo dos sujeitos para si, todo tempo se torna tempo de trabalho, a pausa para regeneração corporal se torna apenas mais uma etapa, impossibilitando o surgimento de um outro tempo, que não seja o da produção de trabalho. Os instrumentos tecnológicos tornam invisíveis as divisões entre as diferentes temporalidades, não há separação, todos carregam o trabalho consigo, pelos smartphones, que prometem liberdade, mas tem como resultado a coação para o desempenho, a auto exploração. (BYUNG-CHUL HAN, 2018)

Esquivar-se do encontro com a ausência se torna realizável ao passo que o consumo é recorrido como solução, em detrimento da possibilidade de simbolizações e uma saída para a alteridade. O prazer está em comprar, a experiência se sobressai altamente erotizada, o olhar direcionado a tela digital, o toque nos clicks e o deslizar pelos produtos, a excitação gerada pela escolha e confirmação de um cardápio de opções, onde imagina-se ser detido de livre escolha, quando em verdade tais objetos aparecem como sendo de interesse a partir do que escolhe o capital, e pelo instante que se segue, há no indivíduo a sensação de satisfação alcançada. Ufa! Respiro! Até quando? Bem, até o mercado lhes fascinar por alguma outra coisa, melhor e mais

capaz de suplantar esse sofrimento, que certamente retornará. Consegue o que pensava-se querer muito, mas o sujeito descobre que não era bem aquilo.

Os objetos de consumo, são elevados a nível de objetos fetiche, extirpando a dimensão da alteridade. Conforme nos lembra Freud (1927), o fetichista vai elevar outros objetos que poderiam simbolizar o falo, dada a percepção da castração materna, notou-se ausente. Poderia o neurótico assumir traços perversos então? Uma vez que recusa a falta, e com fins de suprimi-la, movimenta-se para encontrar objetos de consumo, soerguendo grandes investimentos até que se transfigure em objetos fetiche, recorrendo a uma substituição. Saindo da posição de consumíveis orientados pelas necessidades individuais e usos e costumes culturais, vão tomando lugar de destaque nos endereçamentos libidinais em uma tentativa de encontrar o que ocupe o lugar do falo, e escolhidos a partir do que é ditado pelo mercado.

O neurótico banal encontra saída para seu sofrimento se colocando disponível a uma instrumentalidade, reduz sua subjetividade, pela paixão de ‘ser’ instrumento (Calligaris, 1991). O desejo advém da referência paterna, conduz o sujeito a fazer escolhas objetais orientadas para o mundo, atrelado, entretanto a dúvida sobre o que vai ser desejado. O artifício usado para atravessar este dramático percurso se daria pela saída perversa da neurose, renunciando a sua singularidade, alienando-a coletivamente “um semblante de saber paterno que por isso mesmo seja sabido e compartilhado” (CALLIGARIS, 1991, p. 112).

Pela hipótese do não comparecimento da divisão, da dúvida, a saída pelo lado perverso constrói terreno, haverão de saber o que precisa ser ‘sabido’ e para tanto, totalitariamente compartilhado com os semelhantes, a partir disto, o sujeito se metamorfoseia em instrumento do saber, que a priori era suposto ao pai. Pouco importa o custo que tal saber exigiria dos neuróticos, se fazer instrumento garante benefícios sobressalentes, gozando de ser uma engrenagem desse funcionamento. Não há preço que se pague pelo alívio das dores de sua existência, pela tentadora saída do sofrimento neurótico banal pelo semblante perverso. (CALLIGARIS, 1991).

O perverso coloca em prática fantasias, não as mantendo apenas como acessório para sua satisfação, mas elevando-a a posição central em sua vida, visando contornar a realidade da castração. A recusa como mecanismo de defesa é cristalizado, impossibilitando o trabalho do recalque na conflitiva edípica, favorecendo confusões, fazendo desaparecer as diferenças, limites e normas, ao considerar que a função paterna fica então enfraquecida (FERRAZ, 2010).

No laço social, o suposto saber do que desejar está assumido pelo mercado, posicionando os neuróticos de modo instrumental, desde a qual firma-se um pacto, e estes permanecem alocados na instrumentalidade, em subserviência às exigências capitalistas de consumo, falseando o encobrimento das incertezas, pelo que sedutoramente supõe-se saber querer e fazer. Calligaris (1991) aponta ainda para a mitigação da subjetividade da vida privada, a medida em que a posição exige estender aos demais de modo totalitário, mas não ditatorial, até que se chegue a uma alienação completa. Ilusão difícil de ser abandonada, como nos lembra Freud no estudo nos estudos sobre as massas.

O acúmulo e o materialismo, passam a instituir o imperativo da vez, pelos ataques das propagandas sentenciam os indivíduos a adentrarem e se fazerem instrumentos no funcionamento desta grande máquina de aniquilar singularidades. Vivem para trabalhar, trabalham para não apenas viver, mas para consumir, marginalizando a vida contemplativa e criativa. Designa a função de ideal sempre perseguido pelos neuróticos, num campo de certezas artificiais que consistiria em ter um acumulado de bens.

“Um horizonte que introduz a promessa de um gozo satisfatório no semblante ao prometer o acesso a um saber comum sobre o que queremos, promessa tanto mais fácil na medida em que o que queremos esteja do lado do ter.” (CALLIGARIS, 1991, p. 118)

A rede virtual favorece alcançar bens de consumo, o ‘ter’ conforme nos aponta Calligaris, imergindo o indivíduo em excessos de estímulos, enquanto a subjetividade fica esvaída, rasa, implicando a possibilidade de se dissociar do real do corpo. Os deslocamentos em princípio enlaçados na relação com um Outro, designado a tecer uma rede simbólica de significações representando modos de obtenção e interdição de prazer, é suspenso pela rede digital (JERUSALINSKY, 2015). Marcando a evitação ativa dos demais, impossibilitando elaboração e diálogo.

As ferramentas eletrônicas funcionam a partir de códigos predeterminados, previsíveis, ofertam escolhas limitadas, com matrizes lógicas binárias, ao passo que o encontro com os outros, demanda produção de sentido a partir do encontro com o misterioso. Jerusalinsky (2015) coloca que no mundo infantil, o brincar se faz pela lógica da complexidade e nas contingências da vida, se pudermos trazer Calligaris (1991) para a conversa, e retomarmos o exposto da paixão pela instrumentalidade, pode-se pensar acerca de como, a fim de evitar o imprevisto da vida, da

diferença, do encontro com o outro, o neurótico faz abrigo ao se instrumentalizar em um saber ‘sabido’ do querer ter.

Fidalgo (2015) aponta ainda que as redes sociais ditam deveres a serem cumpridos, ao criar-se perfis, produzir conteúdo, escancarar a presença, as redes perguntam e os aderentes responde, em uma relação de poder, submetimento e exposição. Marca contraste com o poder religioso por exemplo, em que para o indivíduo ter sua intimidade revelada, era preciso confessar-se ao padre, mas escondido dos demais, contrariamente na presença em aparatos eletrônicos digitais, até aquilo que o sujeito recusa-se a ver, é aclarado, como aponta o autor:

“Nas redes sociais, não se trata de revelar segredos, só que deixando rastros de mil e uma pegadas digitais, os indivíduos acabam por revelar os segredos que nunca imaginaram revelar e outros que eles próprios ignoram.” (FIDALGO, 2015, p. 41)

Considerando que essas monções do sujeito do inconsciente vão em algum momento deixar rastros na consciência pelos equívocos e atos falhos, para os quais a psicanálise irá se debruçar. Enriquez (1990) coloca que o trabalho da análise está orientado para as ‘ilusões’, encontradas nos fantasmas, sonhos, fantasias em estado de vigília ou não, pois são evidências das atividades psíquicas e o acesso à experiência do inconsciente se dá por essas vias.

5. CONCLUSÃO

As proposições de Freud, sobre o movimento dos grupos, dada características e contextos da época, tem ainda uma atualidade certa. Agrupamentos, enlaçados por um líder, em que subjetividades e responsabilidades sobre o ato, são dissipadas pelo prazer de fundir-se na massa, em uma grande e única coisa, as inibições são rebaixadas e em paralelo uma elevação sugestibilidade, na massa, movido por impulsos libidinais, há presença de submetimento.

Não havendo então separação entre o eu e o outro, neste agrupamentos massificados, que vão ainda ligar-se a objetos em comum, nos levando a aproximar os elementos da massa ao bebê, que em um estágio primeiro de seu desenvolvimento, não reconhece o mundo externo, em sua onipotência, tudo é ele próprio, saboreando os prazeres, sem conflitos. Contudo, para o bebê, a onipotência de tudo poder, é desbancada durante seu desenvolvimento durante a

passagem pelo complexo de Édipo, que lhe trará uma interdição, o conduzindo para outras escolhas, iniciando o movimento desejante, a partir de algo que lhe falta.

O sentido social da convivência entre os membros está na tentativa de se livrar do desamparo e ganhar o sentimento de ser amado. Assim, as influências produzidas pela cultura pós-moderna têm um efeitos constituição psíquica do sujeito, que ao passar pelo conflito edípico a partir da interiorização da lei e a incorporação da cultura, começam desempenhar um papel na geração de significado, favorecidos pelos aparatos tecnológicos.

Uma vez alienado, o neurótico aceita a dominação da cultura capitalista, acredita no poder de completude dos objetos e entra em um ciclo de superconsumo, girando em torno de um gozo que é ofertado, pelo mercado, como possível, mas que é perdido, nunca saciando totalmente seus desejos. Há uma hipervalorização de objetos, com supostos traços garantidores daquilo que falta ao Eu.

Assim, os bens de consumo ocupam lugar dos sujeitos nas relações, fecham o encontro com a alteridade, sendo um desejo o desejo pelo outro. De tal modo se dão pelas facilidades virtuais, que impedem a circulação do desejo, pelo afunilamento algorítmico num espaço bidimensional, sem corpo presente. Toda movimentação de dúvidas e conhecimentos, dão lugar a verdades anacrônicas livres de equívocos, surpresas e rupturas, sedutoramente garantidas pelas tecnologias de comunicação.

O desejo, enquanto propulsor de movimentações nos sujeitos, sofre um achatamento, e os indivíduos, no exame digital, se tornam passivos, ao submeter-se como instrumento diante daquilo que o capital promulga adequado ao seu desejo. Diante desse sintoma social a intervenção da psicanálise vem convocar novamente o sujeito à subversão inventiva e singularidade de seu desejo.

6. REFERENCIAS

CALLIGARIS, Contador. **A sedução totalitária**. In: Clínica do Social. Editora Escuta, São Paulo, 1991.

COUTO, Luís; TEIXEIRA, Vanessa. **Leitura lacaniana do consumo**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 3, p. 583-591, jul./set. 2010

ENRIQUEZ, E. **O futuro de uma ilusão: a civilização e a ilusão necessária**. In: Da Horda ao Estado, cap III, Psicanálise do Vínculo Social, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FERRAZ, F. C. **Perversão**. 5ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FGV – Fundação Getúlio Vargas. **Brasil tem 424 milhões de dispositivos digitais em uso, revela a 31ª Pesquisa Anual do FGVcia**. Jun, 2020. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/brasil-tem-424-milhoes-dispositivos-digitais-uso-revela-31a-pesquisa-anual-fgvcia>

FIDALGO, A. **Novas massas e novos poderes. Massas na era da Internet**. In: Comunicação, cultura e mídias sociais / Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Margarida Maria Krohling Kunsch (organizadoras) – São Paulo: ECA-USP, p. 23-32, 2015.

FREUD, S. (1921). **Psicologia das massas e análise do eu**. Obras Completas, v. 15, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1923). **O eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Textos**. Obras Completas, v. 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1927) **O futuro de uma ilusão**. In: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos. Obras Completas, v. 17, São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1927) **Fetichismo**. In: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos. Obras Completas, v. 17, São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1930) **O mal-estar na civilização**. Obras completas Volume 18, São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital** / Byung-Chul Han; tradução de Lucas Machado. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

JERUSALINSKY, Julieta. **Corpos elétricos: sem nome-do-pai e colados ao i-pad**. Revista Associação Psicanalítica. Porto Alegre, n. 49, p. 116-125, jul-dez, 2015.

JERUSALINSKY, Julieta. **A melancolização na infância contemporânea: entre o linchamento virtual e a política do "no touch"**. Cadernos de Psicanálise - SPCRJ, v. 34, n. 1, p.26-33, 2018

JERUSALINSKY, Julieta. **SEM 1: A INFÂNCIA NA ENCRUZILHADA: A infância, as telas e a lógica da sobredeterminação algorítmica.** Abertura do Ciclo de Seminários do Instituto Travessias da Infância: Centro de Estudos Lydia Coriat SP, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KAtUq3yjC3g>

JUNIOR, N. B. **(A massa sem corpo), (o corpo sem massa), (a massa sem massa), (o corpo sem corpo). As redes sociais como ambientes de ausência (e fundamentalismo).** In: Comunicação, cultura e mídias sociais / Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Margarida Maria Krohling Kunsch (organizadoras) – São Paulo: ECA-USP, p. 17-22, 2015.

KEHL, Maria Rita. **Publicidade, perversões, fobia.** *Psicanálise e Cultura*, São Paulo, 31(46), 27 -32, 2008.

MELLO, C. M. F. de. **A servidão voluntária na cidade perversa.** Colóquio Interno Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP). Segundo semestre, 2019. Disponível em: <https://centropsicanalise.com.br/2020/01/06/trabalhos-selecionados-para-o-coloquio-interno-segundo-semester-de-2019/>

RÜDIGER, F. **As redes e a armação: Da cultura do narcisismo ao fetichismo tecnológico.** In: Comunicação, cultura e mídias sociais / Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Margarida Maria Krohling Kunsch (organizadoras) – São Paulo: ECA-USP, p. 33 – 54, 2015.

TSVETÁEVA, Marina. **O poeta e o tempo.** Tradução de Aurora Fornoni Bernardi. Editora Âyiné, Minas Gerais, 2022.